

Reajuste médio da indústria é de 26% e varejo espera recompor vendas em março

por Luci Moraes
de São Paulo

A mudança da equipe econômica e os boatos sobre uma possível prefixação de preços não afetaram os negócios dos supermercados no dia de ontem. "Se fôsse-mos remarcar os preços cada vez que muda o ministro da área econômica teríamos que colocar dez máquinas remarcadoras na mão de cada repositor", ironizou o vice-presidente de comunicações da Associação Paulista de Supermercados e proprietário da rede Tulha, Firmino Rodrigues Alves.

Ele disse que as tabelas já entregues pelos pequenos e médios fornecedores apresentam aumentos médios de preços entre 25 e 26% e as negociações prosseguem normalmente. Dizendo não acreditar em um congelamento, Alves ressalta que, de qualquer forma, o baixo nível de vendas não dá espaço para aumentos preventivos. "Em março, esperamos recompor a queda dos negócios de 5% em relação a janeiro", acentua.

A normalidade no andamento dos negócios durante o dia de ontem foi confirmada pelo presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo (Sinco-vaga), Wilson Tanaka.

Ele conta que, com exceção dos biscoitos, reajustados em 29% frente aos preços de fevereiro, os demais produtos vêm apresentando elevações médias de 26 a 27%.

Quanto ao ritmo dos negócios, o presidente do Sinco-vaga diz que está havendo até uma melhora. "Estamos prevendo um bom volume de vendas no fim de semana, com o recebimento do salário no dia 5 e aumentando as encomendas junto à indústria", acrescenta.

Na rede de hipermercados Eldorado os negócios também prosseguiram normalmente na segunda-feira. "Estamos cumprindo nossa programação de compras e mantendo a promoção de preços de cerca de cem itens, anunciada em folhetos", ressalta o diretor de mercados da empresa, Humberto Mendes.

RIO DE JANEIRO

O presidente da Associa-

ção dos Supermercados do Rio de Janeiro (Asserj), Ailton Fornari, disse ontem ao repórter Marco Antonio Monteiro que a substituição do ministro da Fazenda criou uma expectativa de choque na economia, sobretudo a eventualidade de congelamento, o que deverá influir num aumento maior nos preços dos fornecedores do setor e que terá que ser repassado ao consumidor final.

"Com a expectativa de mudanças na economia, achamos que, nas negociações deste mês, os fornecedores vão embutir aumentos nos preços, para se proteger de um eventual congelamento. Caso isso aconteça, vamos ter que repassá-los para o preço final", prevê Fornari.

A troca de ministros, diz ele, causou muita insegurança no mercado, pois o empresariado estava confiante nas medidas que seriam tomadas pelo ex-ministro Paulo Haddad. Essa desconfiança gerada pela troca de ministros, segue Fornari, também deverá provocar uma mudança no patamar da inflação de março maior do que já era esperada pelo setor.

"Nos últimos dez dias de fevereiro, já havíamos notado uma pressão maior dos preços dos produtos agropecuários, a exemplo do arroz, feijão, farinha de trigo, fubá e carne suína. Por conta disso, já prevíamos uma inflação maior para março por serem produtos básicos. Mas agora criou-se uma grande insegurança. E até que o ministro Eliseu Resende conquiste a confiança dos empresários, a inflação certamente terá mudado de patamar", diz Fornari.

O presidente da Associação de Lojistas de Shopping Centers do Rio de Janeiro, Alberto Catran, disse que os lojistas ainda não tomaram posição para se defender de um eventual congelamento de preços. Ele destacou que a grande maioria do comércio de shopping center do Rio é composta de lojas de roupas.

O setor, segundo ele, não sofre o efeito dessa medida, por se tratar de produto sazonal, com muitas variações de tecidos e modelos.